

Nove décadas se passaram ...

Vania Cruz P. Soares

Jornalista, Coordenadora de Comunicação Social do CEFET Campos

DEPOIMENTOS

Neste último setembro do século, o CENTRO FEDERAL DE EDUCAÇÃO TECNOLÓGICA DE CAMPOS completa seus 90 anos de existência. Num ousado gesto de confiança, o então Presidente da República, NILO PEÇANHA, por ser campista, criava, em 1909, a Escola de Aprendizes Artífices na cidade de Campos dos Goytacazes. Das oficinas que logravam um SABER praticizado ao academicismo da Escola de formação, 90 anos foram impressos nas páginas de uma História definida, direcionada para o futuro que não demoraria a chegar. Remete-se o homem à sua origem, documenta o processo transitório e contextualiza o que deve ser registrado.

Sob clima de emoção, de leituras individuais, educadores foram ouvidos com a pergunta-estímulo: em que momento a história de sua vida se encontra com a história da Escola?

Vinte e oito depoimentos tecem vivências, as mais diversificadas possíveis, mostrando como o trabalho ficou enraizado e acabou atrelado à saudade de cada um. Como resultado tem-se o prazer de ler parcelas de vida e suas conseqüências, ditadas por muitos daqueles que constituíram o inventário ético da Instituição.

O Professor Francisco Pandolfo foi Diretor da Escola Técnica Federal de Campos de 1955 até 1965 quando se aposentou. O senso de responsabilidade e o amor devotado à Escola foram características do seu trabalho à frente da Instituição. Antes de sua gestão e durante ela, como Diretor, seu maior objetivo foi contribuir para melhorar a Instituição, cujo valor, em termos de Educação, a sociedade campista não reconhecia na justa medida, sobretudo, quando ainda se denominava Aprendizes Artífices. Alunos carentes, cursos profissionalizantes e não dirigidos à cultura humanística, professores nem sempre diplomados, a não ser pela experiência e ciência autodidata do seu fazer, enfim, um conjunto de fatos que, a olhos menos abertos, a desmereciam.

Contrário a esta visão distorcida(da época), o Prof. Francisco Pandolfo sempre procurou encorajar alunos e professores mostrando-lhes a dignidade do ofício bem feito. Aos ex-alunos estava sempre incentivando a buscar o mercado de trabalho, aos funcionários, nem sempre graduados, auxiliava, até mesmo em casa, a se prepararem para as provas de suficiência que lhes garantiriam o emprego.

Como Diretor, empenhava-se na dura batalha para obter verbas, sempre escassas, com objetivo de melhorar as instalações da Escola e atendimento aos alunos. Conseguiu reaparelhar oficinas, revitalizar os gabinetes médico e odontológico. Construiu cozinha e refeitório novos. Reformou salas de aula, abriu e realizou concurso público para preenchimento de vagas. Quando a Escola passou a ter, pela Lei 3552/59, autonomia administrativa, instalou o Conselho de Representantes. No início de sua administração, a Escola tinha cento e vinte alunos e ao deixá-la somavam-se quinhentos e cinquenta.

Reconhece que era imprescindível o auxílio de professores e funcionários (até um "Relações Públicas") que promoveu a Escola. Incentivava a exposição anual de trabalhos, festas de formatura, festas juninas. Acompanhava os desfiles cívicos de 7 de setembro. O que mais sonhava era ver a Escola firmada no cenário da Educação Brasileira.

FRANCISCO PANDOLFO- Ex- Diretor, atualmente com 95 anos de idade. Apesar de adoentado, lúcido. Depoimento extraído da biografia encaminhada à Comissão Pró-Memória, aos cuidados do Professor Leonardo Vasconcelos Silva.

O primeiro momento em que a minha vida coincidiu com a história da Escola, foi quando recebi o meu próprio nome: NILO PEÇANHA ARAÚJO DE SIQUEIRA, numa homenagem do meu pai Júlio Grevi de Siqueira ao, então, Presidente da República, NILO PEÇANHA, seu amigo pessoal (falecido na ocasião do meu nascimento).

Em 1964, fui convidado para ser Diretor da Escola (na época, Escola de Aprendizes Artífices, prédio onde hoje está a Faculdade de Direito de Campos). Ao assumir, já tinham sido iniciadas as obras das Oficinas do atual CEFET Campos.

No meu período de administração, conseguimos concluir as obras das Oficinas, construímos o prédio principal e implantamos o 2º grau com as cadeiras de Estradas, Eletrotécnica, Edificações e Mecânica.

NILO PEÇANHA ARAÚJO DE SIQUEIRA – Ex- Diretor

Difícil sintetizar quase oito anos de direção e vinte e seis de magistério, mas meu relacionamento direto com a Escola começou em 1966, quando me inscrevi no curso para formação de docentes para ensino técnico de nível médio [Esquema I].

Tinha 29 anos, quando assumi a Direção em março de 1967, cumprindo três mandatos sucessivos, até outubro de 1974.

Em 1976, fui convidado a lecionar Desenho de Arquitetura, o que fiz até 1992, quando me aposentei, tendo nesse período lecionado também, por algum tempo, Ensino Religioso.

O momento histórico pelo qual a Escola passava foi muito rico, e especialmente para um Diretor também Arquiteto. Assim, a transferência da Escola para a sede atual, a conclusão de suas obras, o equipamento de oficinas e laboratórios, a construção do ginásio de esportes, auditório e sede administrativa, e a urbanização da área principal, foram momentos de grande importância.

Foi muito gratificante, igualmente, trazer uma unidade que se encontrava fora do "ranking" das escolas técnicas para a terceira posição, em todo o Brasil.

Claro que tudo isso só foi possível graças ao trabalho da equipe fantástica que Deus me permitiu reunir, e ao apoio do órgão superior da Escola, à época, que era o Conselheiro de Representantes da Comunidade. Mas estou respondendo a uma pergunta sobre a interação da Escola em minha vida, e por isso estou me restringindo a este aspecto.

O trabalho na Direção da Escola me permitiu candidatar – me à uma bolsa para Administradores Educacionais Latino – Americanos numa universidade americana do porte da University of Michigan e a alegria de representar ali o meu país, em 1969. Igualmente para o Curso de Especialistas Latino – Americanos em Formação Profissional, realizado no Brasil, em 1968, pelo CINTERFOR, órgão da O.I.T. – Organização Internacional do Trabalho. Idem para bolsa de estudos individual, como representante da Organização dos Estados Americanos [OEA], para observação e troca de experiências

com escolas técnicas, centros tecnológicos e universidades na Espanha, Inglaterra, República Federal da Alemanha e Suíça, em 1973. Foi muito importante, também, ter exercido a coordenação do Sistema Brasileiro de Ensino Técnico de grau médio, em Brasília, 1972.

Assim, a passagem pela Escola tem um papel único em minha vida, e as funções que ali exerci representaram um inestimável aprendizado, como convém, certamente, à Escola Técnica que então era, hoje transformada em Centro Federal de Educação Tecnológica de Campos.

RENATO MARION MARTINS DE AQUINO – Ex- Diretor

Os trinta anos de atividade, dos quais dezoito foram de Direção, aconteceram quando participei da administração da Escola. Primeiro como Diretor- substituto do então Diretor, Renato Aquino e depois, por doze anos, como Diretor da Escola Técnica Federal de Campos. Foram tantas realizações, que enumerá-las seria alongar demais estas palavras, porém, todas as cultivei sob a égide do tema: “Administrar em Serviço Público é conciliar interesses”. Isto o fiz buscando sempre manter viva a condição da entidade educacional. Como autarquia, onde a autonomia didática possibilitou a criação de cursos tais como: Química, Instrumentação e o planejamento do cursos de Informática.

Atividades tais como: Bandas Norberto Ângelo da Silva e de Fanfarra, o coral, microestágios, incentivo ao esporte, entre outras foram fomentadas. A autonomia administrativa foi com a mudança para as novas instalações e a construção de prédios, laboratórios e oficinas.

Na área de Recursos Humanos foram idealizados e executados cursos de formação de professores, concursos e seleções públicas, capacitação e treinamento para alunos, funcionários e professores, alcançando em determinada época quase 100% de professores com habilitação na área específica. Os recursos financeiros permitiam que a Escola projetasse o maior orçamento entre as suas congêneres, proporcional ao número de alunos, resultando daí, a excelente qualidade do ensino ministrado, que conseguia o encaminhamento médio anual de setenta e cinco a oitenta por cento de seus alunos para o mercado de trabalho.

GILBERTO PAES RANGEL - Ex-diretor

A pergunta pode até exigir uma ampla resposta, no entanto, posso assim dizer: na minha passagem por esta Escola, durante 30 anos de trabalho, a história me conferiu a oportunidade de exercitar a democracia, vendo a Instituição ultrapassar obstáculos e caminhar sempre à frente. Posso somar, na experiência que tive, o mérito de ter sido docente e coordenador na área de Matemática e, ainda, dirigir esta Casa, de 1986 a 1990, sendo o primeiro Diretor escolhido pelo voto da comunidade interna.

LUCIANO D'ÂNGELO CARNEIRO – Ex- Diretor

Comecei a trabalhar no serviço público municipal. Tempos depois, me transferi para a esfera estadual e cheguei finalmente ao plano federal, na Escola Técnica Federal de Campos. Como se vê, o processo foi longo e gradativo. É semelhante à trajetória do aluno que começa no primário, passa pelo ginásio e chega finalmente ao 3º grau. Peço perdão se usei palavras em desuso (Primário, Ginásio) para designar minha trajetória, mas era assim que se dizia no meu tempo.

Nisso tudo, uma coisa é muito importante para mim: Fui o segundo Diretor da Escola eleito pelo voto direto de professores, funcionários e alunos.

MIGUEL RAMALHO PESSANHA- Ex-Diretor

Meu relacionamento com a Escola Técnica Federal de Campos, hoje CEFET Campos, começou quando ainda era conhecida como Escola de Aprendizes Artífices. Tal relacionamento continua, embora distante, como consequência da aposentadoria em 1983.

Sou grata, muito grata a Deus, pela oportunidade que tive no período em que lá permaneci como professora, chefe do DPAD e vice-diretora, de adquirir aprendizado precioso para o restante da minha vida.

Foi lá que se firmaram amizades inesquecíveis, especialmente como os Diretores com os quais trabalhei: Profs. Francisco Pandolfo, Hélio Duarte de Freitas, Dr. Renato Aquino e Dr. Gilberto Rangel, sendo os três últimos mencionados, ex-alunos muito queridos no tradicional Liceu.

Foi lá, naquela Escola de meninos aprendizes de ofícios vários, que percebi ser no esforço que se encontra a satisfação e não no êxito. Um esforço pleno é uma satisfação plena.

Naquela Escola, a princípio tão humilde, já havia nos seus responsáveis diretores, professores e o pessoal de apoio, a consciência do seu valor compromissado com o desenvolvimento tecnológico que o Brasil buscava. E por exigência do desenvolvimento tecnológico para o bem da Pátria, a Escola iniciou o cumprimento do seu compromisso de participar, com esforço, na conquista do posicionamento do Brasil, entre as mais vitoriosas nações.

Escreveu o Profeta Daniel: "... e a ciência se multiplicará". Tal profecia está se cumprindo. E para que a ciência tem se multiplicado? A resposta é dupla: tanto para o Bem como para o Mal. O nosso anseio é que o CENTRO FEDERAL DE EDUCAÇÃO TECNOLÓGICA de CAMPOS seja, com o seu jovem Diretor e também ex- aluno Roberto Moraes Pessanha, acompanhado da equipe tão competente, um manancial de tecnólogos voltados inteiramente para o uso da "multiplicação da ciência", como construtora do Bem no desenvolvimento da nossa Pátria.

JÚLIA CODEÇO DOS SANTOS - Professora aposentada

Minha vida começou a se entrelaçar com a Escola Técnica Federal de Campos em primeiro lugar quando fui convidado pelo Prof. José Silva para participar de um curso de formação de professores. Na época, em 1967, eu já possuía o nível superior necessitando, apenas, da formação pedagógica. Em outro momento marcante fui convidado pelo Diretor Renato Marion Martins de Aquino para participar da equipe da coordenação dos laboratórios e cursos. Em 1968, aceitei o convite para ministrar a aula inaugural dos cursos, no novo prédio. Pertenci ainda aos Conselhos de Professores e Técnico-Consultivo ajudando a construir a minha história junto à história da própria Escola.

Em outro momento significativo, na administração do Prof. Luciano D'Ángelo Carneiro, colaborei para que fosse implantado o curso de TECNÓLOGO, assim como estive à frente da luta para ver esta Escola como Centro Federal de Educação Tecnológica. Entretanto, este sonho foi adiado para o agora, quando vejo e me sinto feliz em saber que esta Escola tem horizontes mais ricos e mais esperançosos para a Educação Brasileira.

ALMIR JESUS DO NASCIMENTO - Professor aposentado

Fui trazido pelas mãos de minha professora primária Maria José da Penha e do Padre Gabriel Beltrão, do Mosteiro de São Bento, do qual eu era Sacristão, em 1939, e matriculado na então Escola de Aprendizes Artífices, hoje CEFET Campos, ocasião em que, os aviões da 2ª Guerra Mundial já cruzavam o céu de nossa Pátria. Concomitante com esta estada de seis anos nessa Casa Educacional de Artes e Ofícios também frequentei o Colégio Batista Fluminense (sob a Coordenação religiosa do casal americano B. Christie e do Pastor João Barreto da Silva). Durante sete anos, recebendo os

certificados do Ginásio e do Científico; durante dois anos fui residente da Fundação Benedito Pereira Nunes: Policlínica, Maternidade e Hospital Infantil (hoje Faculdade de Medicina de Campos), habilitando-me ao exercício da Enfermagem- recebendo o respectivo certificado das mãos do fundador da Faculdade de Medicina - Prof. Dr. Cardoso de Melo.

Ao retornar da Sociedade Portuguesa de Beneficência, em companhia do Secretário da Escola, Dr. Miguel Martins do Rosário, recebi do Representante do Consulado Português, a Comenda "Mathias Arantes", por haver alcançado o grau de 1º aluno das Escolas de Artes e Ofícios, no período escolar tão conturbado pelo Estado de Guerra.

Repito, ao retornar daquela missão honrosa, fui também indicado por uma comissão, coordenada pela minha mestra Alice Batista Nogueira, à Direção da Escola (Diretor Engenheiro Dr. Paulo Pereira de Araújo), ao DASP (Departamento Administrativo do Serviço Público), no ano de 1945 – 1º de março, sendo nomeado para o Serviço Federal, por ato do Presidente Getúlio Vargas (Diário Oficial nº 245- Seção I- pag.16.882-ano 1945).

Em 1954, através da CEBAI-MEC (Comissão Brasileiro - Americana de Educação Industrial), habilito-me ao Magistério Federal, na cadeira de Ciências Físicas e Naturais, passando a socorrer a Escola (sempre designado por portarias da Direção da Escola), nas diversas disciplinas dos titulares ausentes. É interessante assinalar, embora já portador do novo título de professor, que jamais deixei de socorrer alunos e servidores nas áreas de Enfermagem e Odontologia, aplicando os conhecimentos adquiridos nos referidos estágios da Fundação Pereira Nunes, em outras instituições hospitalares e educacionais que militei, como: Santa Casa, Beneficência Portuguesa, SESC, SENAI, Colégio e Escola Normal Saldanha da Gama - Campanha Nacional de Escolas da Comunidade - Faculdade de Direito-Faculdade de Serviço Social, CPM – Colégio Salesiano - Ginásio Elyσιο de Magalhães - Sindicato dos Trabalhadores na Indústria do Açúcar - Sindicato dos Comerciantes Varejistas, etc.

Nestes quarenta anos em que permaneci nessa Escola, experimentei sensações inesquecíveis e compensadoras. Entre elas, ressalto essas duas:

- a) Denunciei ao Presidente Getúlio Vargas, o uso da palmatória nas escolas, o que culminou com sua extinção em todo território nacional;
- b) Vi a Escola de Aprendizes Artífices ser transformada em Escola Industrial de Campos; a Escola Industrial de Campos ser transformada em Liceu Industrial; o Liceu Industrial ser transformado em Escola Técnica de Campos; a Escola Técnica de Campos ser transformada em Escola Técnica Federal de Campos; a Escola Técnica Federal de Campos ser transformada em Centro Federal de Educação Tecnológica de Campos; e o CEFET ser implantado em nossa terra e os seus destinos, conduzidos por um idealista e abnegado de seus ex-alunos chamado Roberto Moraes Pessanha, ladeado de jovens colaboradores, muitos, saídos diplomados como ele, das entranhas dos referidos educandários, e também da nata de nossa intelectualidade, hoje, tão ultrajada e vilipendiada nos seus parques e míseros salários.

FRANCISCO DE ALMEIDA – Professor aposentado

A Escola Técnica Federal de Campos está presente em todos os momentos da minha vida. Aos doze anos, sonhava ser aluno e tocar em sua banda e isso tornou-se realidade. No convívio com professores e colegas, fiz da Escola a minha família. O amor pela Escola aumentava a cada ano que passava e era com tristeza que pensava que um dia teria que deixá-la, pois desfrutava de um bom relacionamento.

Para minha alegria, o sonho maior aconteceu: tornei-me funcionário quando pude juntar o útil ao agradável, trabalhando com dedicação e zelo. Vi nossa Escola crescer e com ela cresci também. A história da minha vida tem sido marcada pelo reconhecimento que gratifica e enaltece, é com muito

orgulho que irei desfilar pela 43ª vez fazendo a banda passar. A minha história é igual a de muitos colegas. Só consigo lembrar dos bons momentos e agradecer a Deus por ter colocado a Escola Técnica Federal de Campos (Centro Federal de Educação Tecnológica) na história da minha vida.

NEWTON RESSIGUIER FIGUEIREDO – Servidor aposentado

Nossa jovem Escola está às vésperas do centenário. Todos nós, que passamos uma boa parte da vida profissional em seu interior, ajudando-a a crescer e firmar-se no conceito da nossa comunidade, por certo teríamos inúmeros fatos marcantes desse período para relatar. Foi isso que me solicitaram que fizesse, como depoimento próprio, destinado a esta publicação.

Assim, retorno no tempo e registro, de imediato, alguns fatos ou ocasiões que me vêm à mente e dentre eles, separo quatro que me pareceram mais marcantes, deixando talvez de recordar-me de outros que certamente mereceriam ser mencionados.

Em 1966, recém formado e retornando a Campos, fui convidado pelo Diretor da ocasião-Engenheiro Nilo Siqueira, para compor o quadro de professores que iniciariam a implantação do primeiro curso técnico da Escola- o curso de Edificações. Recordo-me das minhas primeiras aulas no espaço físico que até então abrigava o refeitório da antiga Escola à Rua Tenente Coronel Cardoso. Eram apenas seis alunos naquela primeira turma que, posteriormente, viriam a ser tornar excelentes profissionais, havendo alguns permanecido na Escola como professores.

Cerca de dois anos depois, com o reinício das obras do prédio atual, que se encontravam há tempos paralisadas, em um local adaptado no pavimento térreo, passei a dar as minhas aulas em sala com paredes sem reboco, destituída de piso acabado, com luminárias e esquadrias inacabadas. O entusiasmo porém fazia com que os alunos para lá se deslocassem em horários especiais já que, naquela ocasião, eram as únicas aulas lá ministradas. Iniciamos, assim, a humanização do prédio do nosso atual CEFET.

Lembro-me a seguir da época em que fui designado pelo Conselho Técnico Consultivo, Diretor da Escola, onde permaneci por alguns meses, até o retorno do Prof. Renato Aquino que fora, por um período, prestar serviços no MEC, em Brasília.

Finalmente, à época em que exercia o cargo de coordenador do curso, instalamos, com seus alunos, o escritório técnico, onde pudemos desenvolver projetos de obras de expansão da Escola- Pavilhão de Esportes, Centro Administrativo, Auditório, Canteiro de Obras dos Cursos de Eletrotécnica e Mecânica, reformas e ampliações diversas, dentre tantos outros. Isto proporcionou-me a honra de projetar as obras de que a Escola necessitava, criando condições para sua expansão física e aprimoramento, sobretudo dos conhecimentos técnicos dos diversos alunos que por lá passaram.

Foram, assim, anos felizes, graças ao convívio fraterno com os demais professores, alunos e funcionários. Não éramos muitos, mas todos tínhamos a certeza de que estávamos construindo uma boa Escola, alicerçando solidamente o futuro de tantos jovens e contribuindo para a formação de cidadãos e excelentes profissionais. Sim, foram anos felizes, muito felizes...

RAUL DAVID LINHARES CORRÊA – Professor aposentado

"Jeito manso de passar a educação sem fórmulas prontas nem conclusões livrescas fez deste homem simples, nos anos de vivência na Escola Técnica Federal de Campos, uma pessoa muito especial".

(Transcrito do Informativo da ETFC) – 25/06/92

Em 1942, início da minha jornada com prova de Admissão ao primeiro ano do Curso de Artífice em Mecânica de Máquina. Sendo aprovado, cursei, formando-me em 1946.

Naquela ocasião, a Escola era pequena, com o grau de formação em Tipografia e Encadernação, Marcenaria, Sapataria, Alfaiataria e Mecânica - dividida em Funilaria, Tornearia e Fundição.

Naquela ocasião, a nossa pequena Escola funcionava à Rua Formosa (Tenente Coronel Cardoso), hoje Faculdade de Direito de Campos. Depois deste período, por necessidade, afastei-me dela para fazer o curso ginasial, no Colégio Batista Fluminense (noturno) e durante o dia trabalhando como torneiro mecânico. Também prestei concurso público de desenho técnico, sendo aprovado, para desenhista do extinto DNOS.

Neste afastamento, minha Escola cresceu. Construíram os galpões das Oficinas e o Pavilhão de Ensino. Então, mudaram-na para as novas dependências à Rua Dr. Siqueira - minha Escola cresceu mais (engraçado, só quem está de fora nota).

Saiu mais um progresso da nossa Escola, os cursos noturnos de Edificações e Estradas.

Volto eu a nossa Escola em 1969: prestando seleção ao curso de Edificações (noturno), primeira turma. Daí, então, o retorno, formando-me em Edificações no ano de 1973, mas antes do término do curso, fui convidado a dar um curso de topografia para funcionários do DNER. Assim começou minha vida como professor, com a remuneração por serviços prestados, continuando com aulas de Topografia Prática, Desenho Topográfico e Desenho de Estruturas.

Em 1981 uma nova etapa em minha vida, foi como Coordenador de Turno, função esta em que atuei por onze anos, deixando-a por motivo de doença, continuando somente com aulas de Desenho de Estruturas para o curso de Edificações, complementando com a responsabilidade pelo Projeto Final (estágio não remunerado para alunos da última série do curso de Edificações), onde requeri minha aposentadoria, pela Portaria nº 358 de 17/07/95.

Com esta etapa de minha vida, agradeço a Deus por reservar-me o direito de ter vocês na minha vida, que me incentivaram a transmitir os ensinamentos que tive na Escola Técnica.

Então, está aí um pedaço destes 90 anos de progresso desta Escola que acompanhei: parabênizo a todos, principalmente a Direção atual e todos os amigos que aí deixei.

O meu obrigado a todos por tudo que queria citar, mas as lágrimas não me deixam continuar. Deus esteja com vocês e fazendo desta Escola sua morada.

ROBERTO JORGE DE FARIA - Professor aposentado

Em 20 de abril de 1946, fui transferido ex- ofício, no interesse da administração, do cargo classe "F" da carreira de Almoxarife, para a Escola Técnica de Campos.

Em 13 de março de 1961, enviado pela Escola, fui matriculado na Escola Brasileira de Administração Pública da Fundação Getúlio Vargas, no curso de RELAÇÕES PÚBLICAS. Designado chefe de Relações Públicas estreitou-se o meu relacionamento com a história da Escola.

Particpei da formação do primeiro Conselho de Representantes da Escola Técnica de Campos, cuja cerimônia de posse foi realizada em 03 de abril de 1962.

Em 08 de setembro de 1965, fui contratado como Professor de Matemática.

Foi em 1965, que a Escola Técnica de Campos passou a chamar-se Escola Técnica Federal de Campos. Organizei a VII Reunião de Presidentes e Diretores das Escolas Técnicas e Industriais da Rede Federal que, pela primeira vez, foi realizada fora da sede do Ministério da Educação e Cultura e com o total comparecimento dos Presidentes e Diretores.

A reunião foi feita de 04 a 07 de julho de 1967 tendo uma sessão solene em homenagem a NILO PEÇANHA pelo seu centenário de nascimento, sendo conferencista o Dr. Oswaldo Luiz Cardoso de Melo. Os fatos relacionados julgo serem os principais de minha carreira na ETFC.

JOSÉ SILVA - Professor aposentado

A minha entrada na Escola Técnica Federal de Campos aconteceu no dia 01 de janeiro de 1963, de modo inesperado e curioso. Houve no SENAI Regional uma súbita troca de Direção. A nova Diretoria me afastou da Direção do SENAI por um período de seis meses aproximadamente.

Fundamentada na verdade racional dos fatos e na idoneidade moral da minha pessoa, fui reconduzido ao cargo pela mesma autoridade que dele me afastou, o Presidente da Federação das Indústrias do Rio de Janeiro,

Nesse ocioso espaço de tempo, o meu amigo e colega dos tempos de Liceu, Prof. Fernando Fritsch Duncan, induziu-me a fazer concurso para a Escola Técnica, para preenchimento de uma vaga de Professor de Educação Física.

Relendo os velhos livros e apostilas dos tempos de aluno da Escola Nacional de Educação Física e a eles juntando a minha experiência profissional, submeti-me às provas e alcancei a classificação.

Iniciei a minha nova atividade na antiga Escola, hoje Faculdade de Direito de Campos, na época sob a Direção do Prof. Pandolfo.

Trabalhei até atingir a idade de 72 anos, quando fui compulsoriamente aposentado.

Na Escola Técnica, fiz ótimas amizades com professores, funcionários e alunos, as quais, até hoje, ainda conservo.

A minha passagem pela Escola foi marcada, pelo menos, para mim, pela equipe de atletismo que formei e, com ela, nos destacamos em todas as competições que participamos, especialmente com disputas entre Escolas Técnicas do País. Essa equipe, dentre muitas vitórias, levou a Escola de Campos a conquistar dois vice- campeonatos e, em Curitiba, sagrou-se campeã da modalidade.

Hoje, aos 81 anos, acompanho à distância o constante progresso da Escola Técnica Federal, levada, atualmente, à condição de Centro Federal de Educação Tecnológica de Campos.

Nesta oportunidade inesperada, aproveito para, abrindo um pouco mais as " portas do meu coração" abraçar os meus ex- colegas e, especialmente, os ex- alunos dessa reconhecida Instituição de Ensino Técnico, criada pelo Presidente Nilo Peçanha em 1909, nascida com o nome de Escola de Aprendizes Artífices.

Muito obrigado !

NILSON PATRÃO - Professor aposentado

Há 22 anos com um diploma de engenheiro e licenciatura em Química nas mãos, retornei a Campos com esperanças de trabalhar na área que escolhi. Logo veio o meu primeiro emprego na fábrica de Coca Cola. Porém, do tempo de estudante do científico no Liceu de Cachoeiro, havia ficado um germe que nunca me abandonou - o de dar aulas, como fazia para meus colegas de turma. O engenheiro então, ficou temporariamente para trás há 20, cedendo lugar para o professor que sempre fui e pelas mãos do Dr. Gilberto Paes Rangel entrei para a ETFC.

Desde aí a minha história se confunde com a história da Escola. Lembro-me professor iniciante, num período tecnicista em que os valores eram outros- a formação técnica em detrimento da humana. Lembro-me também das exigências e ao mesmo tempo a alegria de estar numa Escola completa, com bons laboratórios, ótimos equipamentos, o salário justo, a amizade dos alunos e dos colegas.

Depois da abertura política, uma nova pedagogia em que o homem era centro, não mais as máquinas de então. Fui crescendo junto, transformando e transformando-me. Esta é a mágica de quem ensina.

Durante 5 anos, fui coordenador da minha área e deste período guardo bons momentos. Principalmente quando, com muito prazer, fui convidado pelo Diretor, Prof. Luciano D'Ângelo, para organizar as primeiras "Semanas do SABER/FAZER/SABER" que passaram a ser o maior evento que a Escola promove todos os anos.

São 20 anos de vida entrelaçadas. Todas as semanas sempre o mesmo e diferente ritual. O ritual mágico de ensinar e aprender, numa simbiose perfeita, de que não abro mão. Na verdade eu não sei se estou na Escola ou a Escola está em mim.

MARDEN SARDENBERG - Professor em exercício no CEFET Campos

Estando há pouco formado em Engenharia e recém-casado, senti-me cedo atraído pelo magistério e, já em 1964, comecei a dar aulas de Física no Liceu de Campos e, posteriormente, no curso de Matemática da Faculdade de Filosofia de Campos.

Meu encontro com a Escola se deu em um momento histórico de sua trajetória: foi quando estavam sendo criadas as condições para que ela acrescentasse aos cursos de 1º grau- que ministrava desde a sua criação em 1909 – os cursos de 2º grau.

Lembro-me com bastante clareza de uma primeira reunião da qual eu e um grupo de profissionais- principalmente engenheiros- fomos convidados a participar na Escola Velha (onde é hoje a Faculdade de Direito de Campos. O Diretor era o Engenheiro e Professor Nilo Siqueira, e quem fez a exposição foi o professor Edmar Gonçalves, por muitos anos Diretor da Escola Técnica Celso Suckow da Fonseca, hoje CEFET Rio. Àquela reunião esclarecedora sobre o que eram os cursos técnicos, seguiu-se um curso de habilitação de professores na área técnica ministrado pelo CETEG (Centro de Educação Técnica do Estado da Guanabara).

Nesse curso, que durou uns dois ou três meses, já se consolidou uma amizade entre pessoas como Renato Aquino (que logo a seguir seria Diretor em substituição a Nilo), Chrisantho Matos, Raul David Linhares Corrêa, Almir Nascimento, Inês Peixoto, Roberto Paiva, Jomar da Hora, Antônio Ribeiro de Carvalho e outros.

Já dando aulas no Ensino Técnico, tivemos a oportunidade de somar àquelas amizades outras, que marcaram nossas vidas e, estou certo, também a da Escola: D. Júlia Codeço, Prof. Sílvio Navega, Gilberto Rangel, Guy Lobato Augé, Hélio Freitas, Manoel Raposo e tantos outros que a memória não ajuda a recuperar neste momento.

Foi um período de ouro em minha vida, quando muitas e duradouras amizades foram construídas e em que todos nós e a própria Escola muito nos engrandecemos.

Considero que amigo é uma pessoa que nos conhece perfeitamente, sabe de nossa vida, e, **apesar de tudo**, ainda nos quer muito bem!

Bons tempos aqueles!

NYLSON MACEDO – Professor aposentado

Cedo a Escola Técnica Federal de Campos entrou na minha vida. Quando ainda estudante do último ano de Engenharia visitei, com meu irmão, o Prof. Renato Aquino, então Diretor da Escola nos idos de 1970. Foi quando obtive as primeiras informações sobre um fato que eu desconhecia em Campos e que logo, no primeiro momento, muito me atraiu pela perspectiva da construção de algo que

se afigurava para mim (e eu estava certo) como um futuro de referência tecnológica para o Norte – Fluminense.

Com o falecimento do meu irmão, naquele ano, aprofundei minha convicção de que deveria retornar para Campos e a perspectiva da ETFC era uma realidade. Como recém- formado, em pouco tempo, constatei que o clima que reinava na Escola era o que poderia haver de melhor para um jovem profissional. Era a empolgação pela realização de um grande sonho das pessoas que militavam, a um tempo como soldados disciplinados e aplicados, mas que viravam generais quando as novas dificuldades surgiam. Era um ambiente de união e amizade dentro e fora da Escola comandada por Dr. Renato Aquino e Profª Júlia Codeço (não citarei outros nomes porque fatalmente cometerei injustiça). A cada dia que se acordava, uma nova parcela do sonho era realidade e empolgava cada vez mais. Foram os laboratórios, os novos equipamentos, os novos colegas, os novos cursos, o reconhecimento do valor dos cidadãos que se formavam, em nível nacional. Enfim, sucesso atrás de sucesso.

Tive a alegria de ver meus três filhos serem alunos e receberem a modelação e a têmpera, marcas registradas da ETFC. A minha história de vida não se encontra com a da ETFC. Na verdade a ETFC se funde e é parte integrante da minha história, em particular o curso de MECÂNICA.

RUI FIUZA MANHÃES - Professor em exercício no CEFET Campos

Meus momentos entrelaçados com os 90 anos da Escola Técnica Federal de Campos tiveram início na antiga Aprendizes Artífices com o meu avô materno, o Mestre das Oficinas de Tipografia, Antônio Caetano Pires. Na seqüência, com o seu filho Thierry Pires, na mesma Oficina.

Há mais ou menos trinta anos, tive a oportunidade de fazer parte desta Instituição como Professor de Física, até chegar à aposentadoria. Com os irmãos Sílvio Sidney, Salvador Carlos e Selmo Eduardo, professores da Casa, seguem ainda, parte desta história dividida com os filhos, prolongamentos meus, que acabaram passando por aqui também...

SÉRGIO ARMANDO PIRES RIBEIRO - Professor aposentado

Quanto orgulho e quanta honra ter acompanhado, dia a dia, o crescimento desta Casa.

A partir de 1º de março de 1944, um menino pobre e humilde, vindo do interior, iniciou seus estudos nesta Casa. Jamais poderia imaginar, permanecer por tantos anos frequentando e convivendo com tantos colegas e amigos.

Quantos Diretores!

Quantos Professores!

Quantos Funcionários!

Quantos Alunos!

O certo é que aqui estou, graças a Deus, há 55 anos e 6 meses quando esta Casa era chamada "Escola do pobre".

Naquela época, seu nome - Escola Técnica de Campos;

Depois,.....- Escola Industrial de Campos;

Novamente,.....- Escola Técnica de Campos.

Posteriormente, já frequentada por alunos de classe média passou a se chamar Escola Técnica Federal de Campos, e agora, Centro Federal de Educação Tecnológica de Campos.

Seu crescimento é quase que indescritível, mas aí está, de portas abertas, para quem quiser ver.

Eu, particularmente, sinto um orgulho muito grande, em ter acompanhado passo a passo esse crescimento. Outra coisa que me envaidece é quando alguns colegas me cumprimentam e falam: "Bom dia, patrimônio vivo da Escola!".

Realmente, jamais poderia imaginar, ficar tantos anos ininterruptamente, dentro de uma repartição pública.

Obrigado, Escola Técnica de Campos!

Obrigado, Escola Industrial de Campos!

Obrigado, Escola Técnica Federal de Campos!

Obrigado, Centro Federal de Educação Tecnológica de Campos!

Obrigado, Escola- Mãe!

VOCÊ É MINHA VIDA.

WILSON MANHÃES DE SIQUEIRA - Professor em fase de aposentadoria

A ESCOLA DE APRENDIZES ARTÍFICES faz parte da minha vida desde a infância, pois lá trabalhou meu pai, Adalberto Fritsch Duncan. Ouvi os comentários que tecia a respeito dos acontecimentos diários com muita alegria e emoção.

Comparecia sempre às exposições que se realizavam anualmente. Elas mostravam os trabalhos dos alunos das diversas oficinas que lá funcionavam. Os participantes recebiam elogios por sua dedicação e esforço. Nessa época passei a admirar a Escola.

Em 1969, aprovada em concurso público, ingressei no quadro de funcionários da então ESCOLA TÉCNICA FEDERAL DE CAMPOS.

A admiração e o orgulho que sentia por este estabelecimento de ensino cresceu. A ele dediquei 25 anos de minha existência onde consegui fazer amigos.

Por coincidência do destino e minha satisfação, meu filho aprovado em concurso público, hoje, faz parte do quadro de funcionários do atual CEFET CAMPOS.

São três gerações da minha família participando das três etapas históricas da educação desta Instituição de Ensino.

NEUSA DUNCAN DE SOUZA – Professora aposentada

90 anos! Sua bênção, querida Escola, cada vez mais jovem, cada vez mais exuberante.

Pediram – me que falasse sobre sua participação na minha vida profissional. Respondo: foi grande e importante pois aqui senti – me valorizada e sobretudo respeitada; enfim, aqui me realizei como educadora.

Na década de 60, após um concurso, aqui chegou um grupo de professores, do qual eu fazia parte. Nos reunimos a um outro grupo vindo da Antiga Escola que funcionou onde hoje funciona a Faculdade de Direito de Campos. E assim todos se entenderam e se tornaram amigos.

Fomos recebidos pelo cavalheirismo do então Diretor Dr. Renato Martins Aquino e pelo sorriso acolhedor e amigo da professora Júlia Codeço dos Santos, dona Julinha, como era chamada.

Depois, foram chegando outros colegas que a nós se juntaram aumentando o grupo amigo.

Seguiram – se as direções: do Dr. Gilberto Paes Rangel, do professor Luciano D'Ângelo (meu sempre querido ex – aluno) e por fim a do Dr. Miguel Ramalho Pessanha em cuja Direção me aposentei. De todos recebi atenção e muito respeito ao meu trabalho.

Quantas amizades consegui aí e quantas saudades dos que já partiram!

Daqui, de minha residência ouço a campainha que marca o início e o fim das aulas, bem como o ensaio de suas bandas.

Aí bate uma grande saudade que sempre me emociona.

Avante Escola! Sempre ativa e independente, formando cidadãos livres, felizes e democratas que hão de construir, se Deus quiser, um país melhor!

VILMA DA ROCHA ARÊAS – Professora aposentada

Noventa anos pode ser considerado um pequeno tempo, na vida da humanidade, mas foi um grande salto de qualidade no desenvolvimento do ensino técnico-profissional de Campos.

Desde o ontem, quando surgiu a 23 de Setembro de 1909, a Escola de Aprendizes Artífices, depois Liceu Industrial de Campos e sucessivamente Escola Técnica, Escola Técnica Federal até o hoje como CEFET, longa e difícil foi a jornada, persistentes as esperanças com horas tristes e alegres na busca das conquistas individuais e coletivas.

Nestes 90 anos, assistimos a duas Grandes Guerras Mundiais, a várias Guerras Civis no território brasileiro, trinta anos sob as ditaduras com prisões, censura e direitos civis suspensos. Inflação incontrolável e perdas morais, econômicas e sociais por parte de uma sociedade temerosa, resignada e sofrida.

Vimos surgir o rádio, a televisão, o avião a jato, a bomba atômica. Nunca a humanidade questionou tanto os valores morais, e comparado com outras épocas, nunca assistimos a tanta transformação.

O século XX, século em que surgiu a nossa Escola, poderia vir a ser chamado de "Século da Era Atômica", de "Século dos Nervos", de "Século da Ciência" ou porque não "Século da Tecnologia".

Em verdade, nestes 90 anos, estivemos subordinados a uma impetuosa corrente de mudanças, poderosa nos dias de hoje, a ponto de desagregar as instituições, sacudir e alterar nossos valores secando nossas raízes e fundamentos capazes de fazer de nossa memória histórica, algo de irrelevante.

Neste final de século e de milênio, o futuro já invadiu as nossas vidas. A aceleração de mudança está a provocar uma transformação de conseqüências pessoais de natureza psicológica e social. *E O CEFET ESTÁ DENTRO DESTA MUDANÇA.*

Mas precisa se adaptar com rapidez às exigências de uma sociedade em plena transformação. Esquecer o passado e não dormir sobre as conquistas. O presente não é local de estacionar as idéias e os princípios educacionais. Olhar para a frente, em direção ao futuro que começa agora aos noventa anos, mais preocupado com a educação do jovem para viver em sociedade e como mola propulsora do progresso e não, raciocinar em cima de uma instrução técnica com o único intuito de oferecer uma ferramenta profissional ao jovem.

Lembrar sempre que somos parte da humanidade e membros do Universo. Somos filhos de Deus.

O CEFET deve pensar alto e com claros objetivos do que pretende alcançar. Estamos vivendo numa onda de transformações sem precedentes e agora já é o tempo de se pensar na UNIVERSIDADE TECNOLÓGICA para que quando chegarem os anos de abundância e prosperidade, nossa Escola continue na vanguarda da sociedade campista e regional.

No natalício da Escola, além dos parabéns, olhemos o futuro com otimismo oferecendo um minuto silencioso àqueles que engrandeceram esta Escola e de algum lugar, olham plenos de satisfação. Vamos trabalhar com afinco para que nos próximos noventa anos, outros olhem e rezem por nós.

JORGE RENATO PEREIRA PINTO – Professor aposentado

1976: substituição, aulas no Pró-Técnico. 1978: concurso realizado pela Direção. 1º lugar, mês de maio, contrato, trabalho.

Na Escola, vivi ansiedades, decepções. Mas alegrias, realizações. Sobretudo vivi. Intensamente. De temperamento guerreiro, minha postura sempre foi crítica, questionada, política.

Como professora acreditei que ensinar a norma culta da língua ao aluno do curso técnico não era suficiente. Precisava mais. Tinha de ir além. Não podia só formar um técnico. Acreditava ser responsável pela formação de um cidadão, de um sujeito pensante, com condições de agir, de modificar o meio. De um sujeito capaz de construir uma sociedade mais justa.

Não podia ficar contida nos limites do quadro e do giz. Fui além. Eleita Coordenadora do Curso de Língua Portuguesa e Literatura, trouxe colegas de quase todas as Escolas do país, de Belém a Florianópolis, para cursos que organizava aqui. Orgulho-me de ter trazido gente do gabarito de Douglas Tufano, Gama Cury, Celso Pedro Luft, Hildebrando André, Eliane Yunes, dentre outros.

Em 1989, ASSETEC. Enfrentando uma eleição acirrada, ousei. Ousei muito. Num campo até então masculino, fui eleita Presidente da Associação. Ousei vencer. E batalhei. Trabalhava dia e noite. Criei a venda de gêneros alimentícios, a venda de material escolar, a baixo custo. E, principalmente, briguei. Com a Direção da Escola, com o Governo Federal, com a Justiça. Defendia os interesses dos colegas com garra. Como Presidente da ASSETEC participava dos Encontros da Categoria nas outras Escolas do país. Como representante da Categoria em Brasília, nas audiências com Ministros e, no Congresso Nacional, com os deputados.

Em 1990, contratei um Escritório de Advocacia para reclamar uma série de direitos dos servidores da Escola. Não há como esquecer. Foram os últimos benefícios recebidos pela categoria: FGTS, 45% do reajuste que o governo concedera aos militares e várias outras ações. Direitos defendidos, tranqüilidade financeira estabelecida. Saudade daqueles contra-cheques. Que não eram "contra-choques" como hoje.

Assim estive, durante muitos anos, de mãos dadas, minha história e a Escola. Minha vida e a dela. Os corredores, a "rampa", a Sala dos Professores, a Biblioteca, o Auditório das quentes assembleias, cada cantinho guarda uma pouca da minha energia. Lutei e conquistei um lugar na construção da história desta Casa. Que se entrelaçou com a minha. Tecida com a participação dos amigos-professores e funcionários, dos que me queriam bem. E dos que não me queriam, também. Escrevemos juntos, afinal.

História escrita com consciência, luta e compromisso. Com muita participação política, companheirismo e, acima de tudo, afeto.

DARCY AMORIM ALMEIDA – Professora aposentada

Em 1909, nascia a ESCOLA DE APRENDIZES ARTÍFICES. Seu objetivo era a formação de operários e ela aparecia num momento histórico muito particular, quando se pretendia criar uma ética positiva do trabalho, livrando-o do estigma da escravidão. A partir de então, essa Escola cumpriu seu papel, respondendo com competência aos desafios que a História deste país lhe impôs.

No seu caminhar, ela foi do operário ao técnico, passou da ESCOLA DE APRENDIZES ARTÍFICES à ETFC como uma resposta à demanda do mercado de trabalho brasileiro face à expansão do capitalismo nacional que se instalava e se desenvolvia no país. Mais recentemente, foi de ETFC ao CEFET Campos atendendo aos anseios de nossa sociedade e da realidade brasileira. É uma rica trajetória.

Sua característica, no plano material de suas realizações, tem sido, sem dúvida, a competência. Já, no plano simbólico, sua marca é uma adesão viva de seus membros a seus projetos e realizações. Também aqui, percebo uma relação forte, calcada na emoção entre seus alunos e ex-alunos, professores e Ex-professores, funcionários e Ex-funcionários com a ETFC.

Em determinado momento, mais precisamente em 1969, minha vida se encontrou com a trajetória desta Escola. E, aos poucos, foi se instalando em mim um comprometimento muito intenso com seus

projetos e lutas: adesão de fundo aos destinos desta Instituição. Tanto assim que, ainda hoje, mesmo estando afastada do trabalho e das salas de aula, tenho presente um sentimento muito grande de pertencimento a essa Escola e à sua comunidade. Não consigo passar ao largo dessa Instituição. Seu destino me interessa de perto porque, antes de tudo, sei que acredito nela.

Eu me orgulho do CEFET Campos e hoje, estamos **todos** de parabéns!

NEILA FERRAZ MOREIRA NUNES – Professora aposentada

Em todos os momentos de minha vida, a Escola esteve presente. Entrei aqui em 1930 como aluno da Escola de Aprendizes Artífices. No primeiro ano, por força da Revolução de 1930, o curso foi interrompido porque a Escola abrigou a Força Revolucionária que veio de Minas Gerais, via Itaperuna. Ao voltar já estávamos matriculados no 2º ano. Concluí o curso em 1935, em Artes Gráficas.

Após quatro anos trabalhando na Tipografia Tinoco, fui convidado para prestar um trabalho na Oficina da Escola. Pelo tempo em que permaneci ali e já conhecendo toda estrutura da Oficina, acabei sendo convidado pelo chefe do setor, Edmundo Chagas, para prestar serviços na Tipografia, agora com vínculo empregatício. Recebi então, a carga horária dividida, uma parte dedicada à própria Tipografia e a outra como servente da portaria principal. Estamos falando da Escola antiga, prédio este, onde hoje é a Faculdade de Direito de Campos.

Lá pelos anos de 1943, fui indicado para fazer um curso na Comissão Brasileira Americana de Educação Industrial, no Rio de Janeiro. Ao me aperfeiçoar mais, voltei e permaneci na Oficina. Prestava, ainda, serviço no Armazém, nome que se dava ao Almoxarifado.

Minha história pessoal coincide muito com a história que construí na Escola, haja vista que, no dia do meu casamento, chegou a correspondência dizendo que eu havia sido designado Professor de Artes Gráficas (1945). Fui, ainda, membro do Conselho Representante substituindo Sílvio Navega Dias, 1º Presidente do Conselho Deliberativo da Escola, devido à renúncia do Presidente Navega e o Diretor Francisco Pandolfo.

Só o tempo me fez afastar desta Escola, guardando então, mais do que saudade, preocupação por vê-la crescer e, ter o seu destino questionado às vezes bem, às vezes mal. São 82 anos de vida que esperam sempre ver o melhor.

WILSON MONTEIRO – Professor aposentado

Aposentei-me em 1982 e hoje, aos 84 anos de idade, lembro-me do curso de Alfaiataria, na Escola de Aprendizes Artífices, onde me formei.

Cheguei a ser inspetor de alunos por um bom tempo e fiz, então, prova para ser agente administrativo.

Coincidentemente, foi pelas mãos do sogro Hildebrando de Souza Muniz, professor de Marcenaria, que entrei para esta Escola e vivi grande parte da minha vida com dedicação e respeito pelo trabalho dos meus companheiros.

LAURO GOMES BAHIENSE – Professor e Inspetor de aluno aposentado

Minha Escola, és carisma da minha brevidade e ao ficar longe de ti, cresço na minha intimidade.

A longa convivência com pessoas que habitaram o meu mundo, fizeram o meu coração tomar outras dimensões e o meu olhar foi em busca de percepções maiores, mais susceptíveis, capaz de alcançar até a Estrela mais alta...

IVANISE BALBI RODRIGUES DA SILVA – Chefe de Gabinete - aposentada

Ao terminar meu curso primário, vim da roça para a cidade com o objetivo de trabalhar. Só tinha uma alternativa: ser aluno da Escola Técnica de Campos. Estávamos no ano de 1946. Entrando na Escola, fiz o curso de Artes Gráficas. Na época, havia exposições de trabalho de alunos que eram mostrados ao público. Os melhores trabalhos eram vendidos e o que se apurava, uma parte era da Escola e a outra destinava-se ao aluno, autor do referido trabalho. O profissional que trabalhava na gráfica oferecia seus serviços à comunidade. Inclusive, no ano de 1949, houve um concurso dentro da Semana do Livro e acabei fazendo um trabalho em bico de pena que foi premiado. Na visita feita pelo arquiteto Jofre Maia, fui convidado por ele para trabalhar no seu escritório de Arquitetura, como desenhista e, acabei ganhando um emprego.

Os anos passaram. Formei-me em Arquitetura e, em 1966, fui surpreendido com um telegrama que me comunicava estar inscrito num curso, que me daria oportunidade de me tornar um docente. Ao terminá-lo fui admitido na Escola. Mais outra surpresa, com apenas quinze dias, fui designado Coordenador Geral dos Cursos Técnicos pelo então Diretor, Renato Aquino. A partir desta data, até me aposentar, nunca mais deixei de participar das administrações da Escola, sendo ora Coordenador de Edificações; ora de Estradas; ora Coordenador de Ensino.

Concomitante com estas atividades de chefias, lecionei várias disciplinas, além de ser responsável por projetos, concorrências, editais de várias obras realizadas na Escola. Uma observação muito importante: nunca faltei um dia de serviço.

CHRISANTHO BARROS DE MATOS – Professor aposentado
